



CAPA

REFÉNS DE NÓS MESMOS

O QUE ESPERAR, DE RESTO, DE UM PAÍS CUJO POVO AINDA NÃO VIROU NAÇÃO?

por MINO CARTA

O derradeiro usuário de um Rolls-Royce, à parte a rainha Elizabeth, foi o Grande Gatsby. O ex-capitão, que dizem ser o nosso presidente, renova o prazer de circular no veículo mais caro do mundo, dirigido, sublinho, por um campeão mundial da Fórmula 1, o também herói Nelson Piquet. A encenação de Bolsonaro teve o seu ponto alto em São Paulo, o que não deixa de atender a uma lógica implacável, baseada na justa primazia da locomotiva da Federação. Os bolsonaristas espalharam-se por oito quarteirões da Avenida Paulista para exibir o poder daquele que aplaudiam.

Sem deixar de ser patética, a situação criada pela presença de um demente na Presidência da República, resultado de uma série de golpes ainda não digeridos, deságua nos pedidos de *impeachment* de Gilberto Kassab, líder do PSD, e do governador de São Paulo, João Doria, já a fermentarem nos meios políticos. Embora

eu não tenha tido a ventura de observar espectador algum das marchas presidenciais de mão erguida, pronta a lançar na direção do próprio um ovo podre, tendo a crer que um certo número de brasileiros aprecia a proposta.

Pergunto aos meus aturdidos botões até quando o famigerado “Centrão” resistirá no apoio ao presidente de fancaria. O ensandecido atingiu um patamar de demência sem remédio, aos olhos de todos, no Brasil e no mundo, com exclu-



Este atribui-se o papel de Condestável da República





MIGUEL SCHINCARIOL/AFP E AGÊNCIA CÂMARA

ão de quantos ainda o apoiam, contaminados pela doença presidencial. Com o ex-capitão na Presidência, o País perdeu mais longos anos, a se somarem ao tempo atirado ao lixo na sequência de golpes que começa com a Lava Jato.

A esta altura, a operação destinada a criar as condições do *impeachment* não parece impossível, a despeito do conformismo nativo, de hábito interessado em deixar as coisas como estão para ver como ficam. Quais eventos se seguiriam a

um *impeachment*, a contar, certamente, com o apoio de vários empresários insatisfeitos com as políticas postas em prática pelo senhor Paulo Guedes? Assim, a situação não esconde a sua complexidade, a se levarem em conta os tortuosos caminhos de uma legislação – melhor, o conjunto de regras ditadas pela empáfia dos senhores, impregnadas pelas reticências e resistências impostas pela casa-grande.

Chegamos, obviamente, a um impasse: de um lado, os maus hábitos da por-

A locomotiva da Federação não podia deixar por menos

ção graúda da população e, do outro, por parte das vítimas de um desequilíbrio social sem similares. Conforme manda este deplorável confronto entre interesses discrepantes, mas sempre determinados a ajeitar a situação a favor do mais forte. Personagem principal deste enredo, um certo Arthur Lira, presidente da Câmara e líder do Centrão. É ele quem hoje avalia a permanência de Bolsonaro contra qualquer tentativa de afastá-lo, qual fosse Condestável da República, mais determinante do que o próprio protegido.

Na quarta-feira 8 de setembro, Lira pronunciou um discurso para acentuar o seu papel e a necessidade de manter Bolsonaro onde está. Cresceu o número daqueles que, na moldura da política, consideram o ex-capitão um mal gravíssimo para o País. Mas tudo indica que nada pode alterar a situação atual. Estamos nesta sem perspectiva de redenção, mesmo porque as tais regras não se tocam.

Depois de um discurso insolitamente enérgico do presidente do STF, Luiz Fux, os ministros elevaram o tom da sua resistência às provocações bolsonaristas. Seguem-se no Supremo, na quinta-feira 9, *in crescendo*, como soletraria uma paleta musical, os pronunciamentos contra as manifestações demenciais do ex-capitão. É um tardio despertar da dignidade de um poder da República que já se prestou a dar o seu apoio ao golpe praticado contra Dilma Rousseff e os crimes cometidos na condução do processo que levou Lula à condenação e à prisão sem provas. De verdade, o Supremo teria de intervir desde o começo da Lava Jato, a operação capaz de desencadear tudo o mais na esteira da conspiração liderada por Sergio Moro e Deltan Dallagnol, com o inegável apoio do governo dos Estados Unidos. •